

CAPITAL TRANSNACIONAL, COMPANY TOWN E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Soeli Regina Lima
Mestre em Geografia pela UFPR
soeli8@yahoo.com.br

RESUMO

Procurou-se demonstrar neste artigo a produção do espaço urbano vinculado às dinâmicas econômicas, mais especificamente das transnacionais, através da implantação de *company town* (cidade-empresa), uma prática empresarial do início do século XX, como estratégia de gestão e produção para dar suporte às atividades industriais. Para tanto, analisamos o município de Três Barras (SC), através da *company town* da serraria americana *Southern Brazil Lumber Colonization*. A fase de implantação desta corporação coincidiu com a delimitação dos primeiros traçados urbanos. Este fato conduziu a uma reflexão de que a cidade teve um crescimento vinculado à ação do capital transnacional.

Palavras-chave: company town, espaço urbano, capital transnacional.

TRANSNATIONAL CAPITAL, COMPANY TOWN AND THE URBAN SPACE PRODUCTION.

ABSTRACT

We tried to demonstrate in this paper the production of urban space linked to the economical dynamics, more specifically from transnational, through the implantation of company town, an entrepreneurial practice in the beginning of the XX century, as a management and production strategy to give support to the industrial activities. For that we analyzed the town of Três Barras (SC), through the company town of the American Saw Mill Southern Brazil Lumber Colonization. The implantation phase of this corporation coincided to the delimitation of the first urban traces. This fact led to a reflection that the town had a growing linked to the transnational capital action.

Key-words: company town, urban space, transnational capital

INTRODUÇÃO

A noção de espaço é ampla. No entanto nos interessa sua dimensão urbana, de ordem econômica, lugar de moradia e de trabalho, ou seja, espaço do homem que equivale ao espaço social onde “o espaço geográfico é a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho” (SANTOS, 1986, p. 116). Como se vê “o espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares” (SANTOS, 1986, p. 122) e está em constante transformação.

Quando estas transformações são conduzidas pelo capital transnacional, através de grandes corporações acabam por impactar o espaço. Os grandes projetos econômicos que envolvem as indústrias transnacionais necessitam de infra-estrutura para a produção e “ao alterarem o espaço

Recebido em 22/09/2007
Aprovado para publicação em 21/02/2008

herdado, provocam bruscas rupturas no padrão de ocupação do espaço local e nas sociabilidades até então definidas” (TRINDADE JUNIOR, 2002, p.17). Alterações que podem acontecer nos equipamentos, nos sistemas de comunicação e transporte, nos investimentos em educação e tecnologia, necessários para dar suporte às atividades realizadas em âmbito local. O capital, a produção, o lucro crescem acompanhados de certa desigualdade social e econômica, pois o capital engloba parte da cidade. Diríamos então, que o espaço é produzido de acordo com as necessidades do capital para a sua produção, ou como reflexo e também condicionante da produção.

Três Barras não foge deste contexto. Verifica-se que, na passagem do século XIX para o século XX, com a presença *Brazil Railway Company* na construção da ferrovia e da serraria *Southern Brazil Lumber Colonization* se inicia a delimitação espacial da cidade. Aos poucos a modernidade altera o espaço, onde o mundo “caipira” passa a ser transformado com o processo de urbanização.

Companhy town e a produção do espaço urbano

A primeira associação que se faz à cidade-empresa é a de uma “minicidade”, na qual um conjunto de equipamentos comunitários incluindo habitações, edifícios de pequeno comércio, escola, hospitais e áreas de lazer pertencem a uma companhia e onde é exercido controle sobre as entradas e saídas de pessoas, configurando um núcleo urbano fechado.

Garcés (2003) ao fazer suas pesquisas sobre as *ciudades del cobre*, no Chile, com base nos assentamentos construídos ao longo do século XX por empresas internacionais, delimitou quatro casos relacionados a *Corporacion del Cobre* (CODELCO). Propôs ainda que estes novos assentamentos instalados fossem herdeiros contemporâneos e sucessores das *company towns*. Relata em seu trabalho que o surgimento das mesmas teria acontecido na Europa e nos Estados Unidos, acompanhando o capitalismo emergente, com o objetivo de maior concentração de capital e do trabalho, como um mito do capitalismo de sociedade perfeita a serviço da produção. Quanto a sua relação com a urbanização destaca que:

las *company towns* se instalan en la historia del urbanismo como una manufactura urbana organizada por un proyecto de ingeniería y arquitectura que formaliza y distribuye las edificaciones del área industrial, los equipamientos y la residencia, en un conjunto que alcanza una organización física, productiva y social. El modelo es adecuado a una función productiva principal como es la explotación de materias primas y la manufactura industrial, al mismo tiempo que funcional a la modelación de un grupo social excluido de otras actividades y manifestaciones urbanas que aquellas que le entrega la compañía (GARCÉS, 2003, p. 132).

Rodrigues (2002) ao pesquisar o Núcleo Urbano de Carajás – uma *company town* implantada pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) no sudeste do Pará para dar suporte ao Projeto Ferro Carajás (1986), chama a atenção para o seguinte fato:

as estruturas das *company towns*, como modelos aplicados, significam a reconstrução do fenômeno urbano por meio da negação das estruturas existentes (cidades “espontâneas”) e fundação de novas estruturas, voltando seus objetivos e “conteúdos” para a viabilização econômica dos empreendimentos a que estão vinculadas, utilizando a “forma” urbana, por meio do projeto, enquanto um dos instrumentos deste fim (RODRIGUES, 2002, p. 117).

Talvez isso ajude a entender por que a maioria das *company towns* é associada à imagem do progresso, da modernidade, na região onde estão sendo instaladas. Ela acompanha a idéia da industrialização com a de crescimento econômico e desenvolvimento local, diante da lógica de que:

a racionalização da dinâmica urbana nas *company towns* é aqui encarada como meio de viabilizar e garantir a finalidade maior dos empreendimentos a que estão associadas, ou seja, viabilizar a realização econômica do empreendimento, pois a idéia de *company towns* demonstra ser uma continuidade da unidade produtiva, tanto na relação econômica quanto nas

relações sociais, tendendo a configurar-se como parte de um modelo produtivo (RODRIGUES, 2002, p. 114).

Na visão de Piquet (1998) as cidades-empresas são “mal vistas” pelos sociólogos, urbanistas, arquitetos pela análise dos impactos locais dos grandes projetos realizados no início do século XX ou na década de 1970 no Brasil. Para uma apreensão do papel desempenhado pela cidade-empresa nas formações urbanas brasileiras é preciso compreender os vínculos entre as transformações ocorridas na estrutura econômica e os processos espaciais que estas desencadearam. Desse modo,

a relação entre grandes projetos e o desenvolvimento regional e local, que nos remete, de imediato, à baixa incorporação regional dos benefícios gerados e a forma de gestão a que são submetidos esses possíveis benefícios, que acabam por repercutir seja no redesenho do poder local, seja no redesenho da própria configuração territorial, trazendo à tona conflitos de natureza diversa (TRINDADE JUNIOR, 2002, p. 19).

Dito de outro modo, o impacto causado por grandes projetos tem alterações acentuadas que podem causar uma nova configuração espacial.

Capital transnacional e a produção do espaço urbano tresbarrense

Três Barras localiza-se na região Norte Catarinense. Possui uma área territorial de 438 quilômetros quadrados, com uma população estimada pelo IBGE em 01.07.2006 de 18.224 habitantes. Sua colonização inicia-se em 1850, quando uma extensa faixa de terra foi doada por D. Pedro II a José Teixeira Cordeiro e Lucas Cordeiro.

Em relação à composição social do planalto catarinense esta “era caracterizada, esquematicamente, de um lado, por um grupo minoritário de pessoas que dispunham da posse legal de vastas porções de terras e, de outro lado, por um grupo majoritário composto de ervateiros (pequenos proprietários ou posseiros), peões-ervateiros e agregados” (AURAS, 1997, p. 32). Estes sujeitos estavam submetidos ao sistema do compadrio.

A primeira delimitação do que viria a ser o espaço urbano tresbarrense está ligada à construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande pela *Brazil Railway Company*, por volta de 1910, ou seja, através de uma forma de investimento transnacional que ocorreu no Brasil via concessões. Estas concessões eram amplamente disputadas pelos empresários.

A *Southern Brazil Lumber Colonization* uma empresa da *Brazil Railway Company* vem comprovar o fato. Suas atividades foram iniciadas no ano de 1905, tendo em vista que “o Ministro de Viação e Obras públicas, o catarinense Lauro Muller, promoveu a vida ao Brasil do famoso empreendedor norte-americano Percival Farquhar, que fundou a *Brazil Railway Company*, empresa que adquiriu o controle acionário da Companhia de Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande” (THOMÉ, 1992, p. 5). Esta recebeu a “concessão que permitia interligar todo o Sul do Brasil. Além de terras no Paraná e em Santa Catarina, numa extensão de 6 milhões de acres, para fins de colonização” (SINGER, 1997, p. 381). Vejamos uma forma de autorização de concessão:

Estando ligadas a Holding Brazil Railway Company e à Companhia da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, Farquhar criou duas empresas:- a Brazil Development and Colonization Company, para povoar as terras devolutas recebidas pela Estrada de Ferro, e a mais importante - a Southern Brazil Lumber Colonization, que além de comprar pinheirais no Planalto Norte, ainda obteve autorização para instalar serrarias em terrenos devolutos e depois vender as terras, já sem árvores, para imigrantes se fixarem (...) (SACHET, 2001, p. 71-72)

O trecho catarinense desta ferrovia foi construído no período de 1907-1910. “Como parte do pagamento, a empresa recebeu uma doação de mais de seis mil quilômetros quadrados de terras, cobertas com cerca de 15 milhões de árvores em “idade de corte”. Para explorar tamanha riqueza, a empresa, construiu na cidade de Três Barras a maior serraria da América Latina e passa a expulsar a força os posseiros que ocupavam as terras” (SACHET, 1997, p. 508).

Benvindo Pacheco vendeu seus pinheirais, imbuías e mais uma gleba de terras para a instalação da serraria e do sindicato em Três Barras Quanto à instalação da indústria, esta privilegiou a área em torno dos terminais de transporte, ou seja, da ferrovia e do Rio Negro, iniciando o que viria a ser a atual área central da cidade.

Desta forma começa a operar a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*,¹ que se tornou conhecida como Lumber, representando o avanço da ordem capitalista sobre a região. Quanto à posse de terras “chegou a somar ali 180 mil hectares, responsáveis pela constituição em Três Barras, da então maior serraria da América do Sul” (AURAS, 1997, p. 100). De 1916 a 1929 no auge da serraria a madeira era exportada para grandes centros do Brasil, da Europa e América do Norte.

A atividade madeireira em grande escala situada numa região isolada, exigiu da corporação a instalação de infra-estrutura não somente capaz de dar suporte à produção, mas também de abrigar e manter a força de trabalho. A indústria implanta assim a sua *company town* que atuou como vetor de orientação da urbanização. Esta construiu um núcleo urbano com 214 residências, nas proximidades da serraria. Algumas das residências² da Lumber dispunham de água encanada, energia elétrica, aquecimento central e água quente provenientes das caldeiras que moviam a serraria.

A qualidade de vida proporcionada por essa *company town* foi produto do potencial e do horizonte de exploração madeireira e do nível de investimento realizado pela Lumber. Seus administradores conscientes das contradições a serem enfrentadas, pela realidade socioeconômica e mesmo culturais da região, cercam-se de todos os recursos técnicos disponíveis na sua implantação. Para Auras 1997, p. 42 na circunvizinhança da serraria “formou-se uma pequena cidade, na qual, todos os anos, a 4 de julho, via-se flutuar bandeiras estreladas dos Estados Unidos”, no âmbito interno da Lumber.

Através da *Brazil Development and Colonization Company*, que fazia parte da *Holding Brazil Railway Company*, a Lumber promoveu a vinda de imigrantes basicamente da Europa, destacando-se a Polônia³ e Ucrânia para atuarem no setor agrícola. Estes se instalaram na Colônia Tigre, onde recebiam lotes e atuavam no setor agrícola. Desta forma a Colônia Tigre serviu de “celeiro” com o abastecimento de produtos alimentícios para os funcionários da serraria. Sobre esta colônia merece destaque a família Szczerbowski, responsável pela fábrica de cigarros que funcionava na colônia Tigre de nosso município, produzindo as marcas de cigarros: Três Barras, Rio Tigre e Norton.

A *company town* possuía ainda uma fábrica de gelo, casa de hóspede cinema, um dos primeiros do Brasil, que teve um amplo movimento. Os trabalhadores com seus familiares tinham acesso ao cinema via vales que recebiam no pagamento.

Quanto aos espaços esportivos, através de relatos orais, número de troféus que se encontram no museu da cidade e fotos, registra-se que aconteceram campeonatos de tênis de campo, basquetebol e futebol de campo onde, cabe ressaltar, foi construído um dos primeiros campos de futebol com sistema de drenagem da região sul do Brasil. O mesmo foi denominado “Estádio Artur Ferreira Ribas”⁴, destaque regional, inaugurado em 1918.

Três Barras quanto ao planejamento do espaço urbano teve a influência da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* através da elaboração de um mapa em 1926 para o centro dada cidade. O traçado das ruas seguiu o modelo inglês com “becos” para entrada e saída de cargas.

De acordo com a análise deste mapa resgatamos a evolução das ruas da área central da cidade de Três Barras, entre 1923 e 2006. Assim, setes ruas tiveram seus nomes alterados, outras quatro foram criadas e apenas uma foi extinta, ou seja, o traçado adotado no ano de 1923 sofreu o mínimo de alterações nos últimos 83 anos. No quadro 1 é possível conferir estas informações.

Quadro 1

Ruas existentes em 1923	Ruas alteradas em 2006	Ruas novas	Ruas extintas
01 Rua 15 de novembro			
02 Avenida Sta. Catharina			
03 Avenida Central			
04 Rua Paranaguá	Rua Roberto Olsen		
05 Rua do Rosário	Rua Professora Vitória Ossaif		
06 Rua São Bento	Rua Pedro Flores		
07 Rua do Ouvidor			
08 Rua São Pedro	Rua das Acácias		
09 Rua Quitanda	Rua Mario Denk		
10 Avenida Boa Vista	Rua Prefeito Emiliano Ubá		
11 Rua 13 de maio	Rua Profª. Nelide Mª Figueiredo		
12 Rua Dirta			X
13 Rua 7 de setembro			
14		Rua das Camélias	
15		Rua Manoel Benjamim Espindola	
16		Rua Projetada	

Fonte: A autora

A serraria Lumber em Três Barras enfrentou o impacto da conjuntura econômica internacional com a queda da Bolsa de 1929, a mudança na estrutura política nacional (passagem da República Velha ou República dos coronéis 1889-1930 para o governo de Getúlio Vargas 1930-1945), somada a escassez de madeira da região decorrente do impacto exploratório, diminuindo assim suas atividades. O cenário local transforma-se a partir da década de quarenta, quando Getúlio Vargas estatizou a empresa e esta solicitou concordata, gerando centenas de desempregados, passando a ser administrada pelo então Ministério da Guerra. Neste período ainda foram criadas laminadoras marcenaria e carpintarias.

Em 1943 a serraria já incorporada a União contava com 809 funcionários, como pode ser observado no Tabela 2. Destes 127 eram naturais da Europa, 2 empregados dos Estados Unidos da América e 678 com naturalidade brasileira (grande maioria eram de Santa Catarina e do Paraná). Cabe ressaltar que o fluxo maior de imigração aconteceu no início das atividades da Lumber com a implantação da Colônia Tigre.

Em 1952, sob o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, ocorreu a transferência do patrimônio da Lumber para o Ministério de Guerra⁵. Esta área passou a pertencer ao Ministério do Exército e foi destinada à implantação de um campo de instrução de manobras militares, dos quais 924.000m² estão localizados no centro da cidade.

A implantação da *company town* por parte da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* garantiu não somente o funcionamento da serraria, como também, as mais diversas possibilidades de atividades socioculturais para os moradores.

Tabela 2

Descrição de trabalhadores da *Lumber* quanto a nacionalidade

Origem dos trabalhadores	Número de trabalhadores	%
Brasileiros	678	83,8
Europeus	127	15,6
Americanos	03	0,3
Ignorado	01	0,1
Total	809	100

Fonte: Registros da *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, 11.05.1943

Com o fim das atividades da serraria pouco restou para o município, muitos desempregados, uma grande área de desmatamento. As atividades sociais e culturais passaram a fazer parte das lembranças daqueles que vivenciaram o auge da serraria como “no tempo da Lumber”. Os aspectos de modernidade da *company town* faziam parte da realidade dos sujeitos sociais enquanto a Lumber se fazia presente na cidade, visto que, sem a presença norte americana não conseguiram manter os hábitos socioculturais anteriormente praticados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento de urbanização do município de Três Barras se mostrou correlato à presença da serraria americana *Southern Brazil Lumber Colonization*.

Os processos sociais foram condicionados por ações inovadoras nos aspectos culturais. A prática de modernização da *company town* conduziu a implantação no espaço urbano de equipamentos necessários tanto à produção como à urbanização local. A cidade passou a ganhar novos conteúdos e novas dinâmicas.

A cidade passou a assumir dimensões diferentes, o tecido urbano foi sendo determinado segundo a lógica das instalações da serraria. No decorrer do tempo algumas edificações permaneceram mesmo que assumindo funções diferenciadas. Diríamos então que o espaço urbano foi produzido segundo a lógica do capital transnacional.

REFERÊNCIAS

- AURAS, M. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.
- GARCÉS, E. **Los campamentos de la minería del cobre em Chile (1905-2000)**. Revista Eure, Santiago de Chile (Vol. XXIX, nº 88) pp. 131-148, Diciembre 2003.
- PIQUET, R. **Cidade-empresa**: presença na paisagem urbana brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- RODRIGUES, A M. Desvendando formas e conteúdos: o núcleo urbano de Carajás. IN: TRINDADE JUNIOR, S. C. da; ROCHA, G. de M. (Org.) **Cidade e empresa na Amazônia**: gestão do território e desenvolvimento local. Belém: Ed. Paka-Tatu, 2002.
- SACHET, C.; SACHET, S. A guerra do Contestado. In: SACHET, C.; SACHET, S **Santa Catarina 100 anos de História. O livro: do povoamento à guerra do Contestado**. v. 1. Florianópolis, 1997/2001, p. 507-525.
- SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no 3º mundo**. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1986. Tradução: Sandra Lencine.

SINGER, P. O Brasil no contexto do capitalismo internacional 1889-1930. IN: CARDOSO, F. H.et.al. **O Brasil Republicano**, tomo III: estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (História Geral da Civilização Brasileira; v. 1. t. 3)

THOMÉ, N. **Sangue, suor e lagrima no chão do contestado**. Caçador-SC, INCON, 1992.

TRINDADE JUNIOR, S. C. da; ROCHA, G. de M. (Org.). **Cidade e empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local**. Belém: Ed.Paka-Tatu, 2002.

¹ Foi autorizado o funcionamento no país da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* pelo Decreto nº. 7.426 de 27 de maio de 1909.

² Através do Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH) instalado em Três Barras, após o término das atividades da Lumber, algumas dessas residências assumiram funções diferenciadas como escritórios, refeitórios e residências dos militares.

³ A cidade chegou a contar com uma escola polonesa no local que corresponde atualmente ao Clube Sociedade Operária (centro da cidade).

⁴ Seu registro encontra-se no endereço <http://mavalem.sites.uol.com.br/sc/TresBarras.htm> (página com outros 34 estádios do estado de Santa Catarina)

⁵ A transferência ocorreu a 10 de setembro de 1952, através da portaria n.º.952 n.º 4252, de 19 de agosto de 1952. Segundo a qual fica autorizado a transferência dos bens da *Southern Brazil Lumber Colonization Co.*, incorporada ao Patrimônio da União para o Ministério da Guerra.